

# Sobre o estilo na sociolinguística de terceira onda: perspectivas teórico-metodológicas

*On style in the third wave sociolinguistics: theoretical-methodological perspectives*

*On style in the third wave sociolinguistics: theoretical-methodological perspectives*

Carlos César Borges Nunes de Souza\*

Universidade do Estado da Bahia  
Salvador, Bahia, Brasil

Norma da Silva Lopes\*\*

Universidade do Estado da Bahia  
Salvador, Bahia, Brasil

**Resumo:** A variação estilística recebe um tratamento teórico e metodológico diferente nas três ondas da sociolinguística (ECKERT, 2012), implicando descrições diversificadas do fenômeno variável. Na Sociolinguística Variacionista, ou de primeira onda, a variação estilística é vista como o resultado da pertença do falante a categorias macrosociais, como classe, e ao monitoramento da fala em certos contextos estilísticos. Nessa perspectiva, o falante é visto como um agente passivo na construção de seu comportamento estilístico. O foco em redes sociais e categorias locais, assim como em uma metodologia etnográfica de coleta e análise de dados, resultou na descrição da variação estilística como reflexo da inserção do indivíduo em redes sociais e do valor dado ao vernáculo em tais redes. Estudos da variação estilística em redes sociais enquadram-se na Sociolinguística Etnográfica, também denominada de segunda onda. A busca pelo significado social da variação estilística, o estudo dos falantes em suas relações microsociais, como aquelas que podem ser percebidas em comunidades de prática e modulação de *persona*, são características do estudo da variação estilística da Sociolinguística Estilística, ou de terceira onda. No presente artigo, apresentamos o estudo da variação estilística nas três ondas da sociolinguística, focando no estilo na Sociolinguística Estilística.

**Palavras-chave:** Estilo. Variação estilística. Sociolinguística.

**Abstract:** The stylistic variation receives a different theoretical and methodological approach in the three waves of sociolinguistics (ECKERT, 2012) implying diversified descriptions of this variable phenomenon. In Sociolinguistics Variationist, the same as first wave, stylistic variation is seen as the result of the speaker's belonging to macrosocial categories such as class, and the monitoring of speech in certain stylistic contexts. In this perspective, the speaker is seen as a passive agent in the construction of his stylistic behavior. The focus on social networks and local categories as well as an ethnographic methodology of data collection and analysis, resulted in the description of stylistic variation as a reflection of the individual's insertion in social networks and the value given to vernacular in such networks. Studies of stylistic variation in social networks fall under the Ethnographic Sociolinguistics, also called second wave. The search for the social meaning of stylistic variation, the study of speakers in their microsocial relationships, such as those that can be perceived in communities of practice, and *persona* modulation, are characteristics of the study of stylistic variation in Stylistic Sociolinguistics, or third wave. In this paper, we present the study of stylistic variation in the three waves of sociolinguistics, focusing on style in stylistic sociolinguistics.

**Keywords:** Style. Stylistic variation. Sociolinguistics.

\* Mestrando do PPGEL/UNEB, Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: caesar.souza@protonmail.com

\*\* Professora Permanente do PPGEL/UNEB, Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: nlopes58@gmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

Pode-se observar como as obras arquitetônicas de Oscar Niemeyer estão marcadas pelo uso de concreto e de curvas acentuadas, esse estilo do artista é reconhecido internacionalmente. Sebastião Salgado narra o mundo através de fotografias em preto e branco, mesmo na era da fotografia digital de altíssima resolução. Seu olhar penetrante capta, em preto e branco, a alma de seus fotografados. Parece que a maneira como Sebastião Salgado capta a luz, na foto em preto e branco, é um estilo único. Quem já teve a oportunidade de contemplar as Imagens de Lixo (*Pictures of Garbage*) e Sucata (*Pictures of Junk*), ambas de Vik Muniz, e ler sobre o processo de criação dessas imagens, poderá perceber que o lixo pode ser um material extraordinário para a produção de obras de arte, ou mesmo de releituras de obras clássicas. Viki Muniz utiliza o lixo como um estilo. E o que dizer sobre a criação de um Romanée-Conti? Não é só o *terroir* da Côte de Nuits e o *climat* de Vosne-Romanée que produzem esse vinho tão reverenciado, mas a forma como o enólogo cuida das videiras, chegando mesmo a conversar com elas. Esse vinho tem um estilo próprio. Estilo é uma maneira (ou maneiras) de fazer algo (COUPLAND, 2007, p. 1). Será que não é assim com a língua? Será que temos maneiras de usá-la através das quais desejamos construir um comportamento linguístico que emule *personae* que se adequem, ou que modifiquem, paisagens sociais e comportamentos?

A variação estilística é um fenômeno linguístico que foi estudado sob diferentes perspectivas teórico-metodológicas e, por isso mesmo, é compreendida de forma diversificada. O quadro teórico e metodológico selecionado condiciona a forma como esse fenômeno variável é abordado e descrito. À medida que revisões epistemológicas sobre esse quadro são realizadas, aspectos antes não contemplados passam a ser captados e descritos.

No presente artigo apresentamos o tratamento dado à variação estilística em diferentes vertentes teórico-metodológicas da sociolinguística. Na Sociolinguística Variacionista, ou de primeira onda (ECKERT, 2012), o estilo é condicionado pela classe social e monitoramento da fala. Quando categorias locais e redes sociais são variáveis acrescentadas ao estudo do fenômeno linguístico, estamos diante da Sociolinguística Etnográfica, ou de segunda onda. Características microsociais, como aquelas que podem ser percebidas em comunidades de prática, modulação de *persona*, e uma busca pelo significado social da variação estilística são características do estudo da variação estilística da Sociolinguística Estilística, ou de terceira onda. Este artigo trata das formas como os falantes usam a língua (variação estilística) nas diferentes ondas da Sociolinguística.

## 2 MONITORAMENTO DA FALA, CLASSE SOCIAL E SUAS IMPLICAÇÕES SOBRE O ESTILO

A Sociolinguística Variacionista, em contraposição ao estruturalismo linguístico, argumenta que (a) a língua é constituída de heterogeneidade ordenada e exhibe normas categóricas e normas variáveis, (b) essa heterogeneidade, além de passível de descrição linguística, revela padrões intra e extralinguísticos e (c) se faz necessário estudar a língua em situações reais de uso, o que implica em seu estudo como fato social (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]).

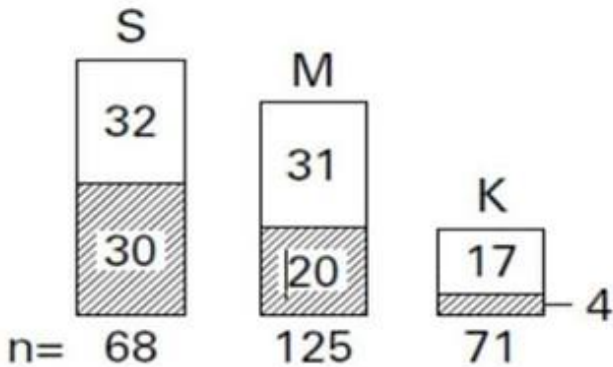
Para demonstrar que a heterogeneidade ordenada não é disfuncional, em estudos sociolinguísticos variacionistas é necessário combinar uma detalhada descrição da variável linguística, suas variantes e os contextos estruturais em que ocorrem com fatores extralinguísticos que possivelmente condicionam e distribuem em categorias macrossociais, tais como sexo,

escolaridade e classe social, a variável e suas variantes. Para o sucesso desse empreendimento, o sociolinguista variacionista utiliza métodos de coleta de dados quantitativos em que células sociais precisam ser preenchidas a fim de constituir uma amostra representativa da população.

Exemplo clássico de pesquisa realizada sob os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista é o estudo de Labov (2008 [1972]) sobre o (r) na cidade de Nova Iorque, especificamente no Lower East Side. Primeiro Labov (2008 [1972], p. 64, 94-95) descreve a variável (r) e suas variantes bem como os contextos estruturais de ocorrência. Em seguida, aborda como a amostra foi constituída: em um primeiro momento foram entrevistados 70 informantes; para a amostra secundária, além da informação sobre o número de informantes entrevistados (264), há uma descrição detalhada sobre o método utilizado para a constituição da amostra (LABOV, 2008 [1972], p. 64, 70-71).

William Labov (2006 [1966], p. 40-57; 2008 [1972], p. 63-90) argumenta que a distribuição da variável (r) é determinada por fatores sociais, deduzidos do *status* social das lojas onde ocorreram as observações anônimas. Na figura 1 62% dos funcionários da Saks, 51% da Macy's e 21% da S. Klein utilizaram (r-1) total ou parcial sendo que para a pronúncia de (r-1) total, variante de prestígio, a estratificação social encontra-se mais acentuada, pois as porcentagens de (r-1) são: 30% entre os funcionários da Saks, a loja com *status* social mais alto, 20% na Macy's enquanto S. Klein, loja cujo *status* é o mais baixo, possui a frequência de 4%. N é o número total de entrevistados. Para o pesquisador, são fatores extralinguísticos não somente o *status* social das lojas, mas a ocupação dos funcionários e a etnia. Em estudos desse tipo, o significado social da variação está vinculado à pertença dos falantes a categorias macrosociais e o seu estilo é o reflexo desse pertencimento e do grau de monitoramento da fala.

Figura 1: Estratificação geral do (r) por loja



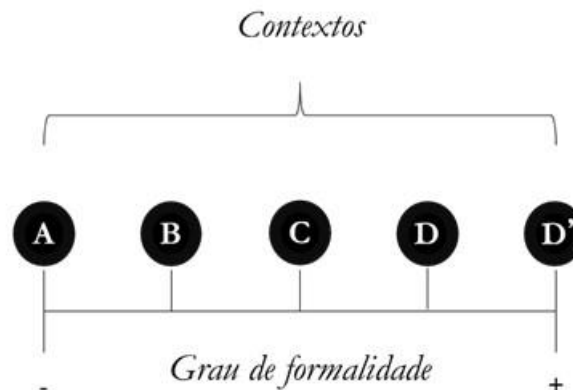
Área sombreada = % total de (r-1)  
 Área não sombreada = % parcial do (r-1)  
 % da ausência de (r-1) não mostrada  
 N = número total

Fonte: Labov (2006 [1966], p. 47).

Quando Labov (2008 [1972], p. 91-138; 2006 [1966], p. 129;) decide prestar atenção à variação estilística dos informantes do Lower East Side, percebe-se que a sua preocupação primeira não é com o significado social desse tipo de variação, mas em demonstrar como ela está estruturada em um *continuum* estilístico e a sua distribuição social em classes sociais.

Para demonstrar como a variação estilística está estruturada em um *continuum*, Labov constrói uma metodologia para captá-la dentro de certos contextos que ocorrem antes, durante e após a entrevista sociolinguística. São cinco os contextos, sendo que, do segundo ao quinto, há os seguintes estilos: situação de entrevista (contexto B), estilo de leitura (contexto C), lista de palavras (contexto D) e pares mínimos (contexto D). O contexto A é subdividido em: fala fora da entrevista formal (A<sub>1</sub>), fala com uma terceira pessoa (A<sub>2</sub>), fala que não responde diretamente a perguntas (A<sub>3</sub>), parlendas e rimas infantis (A<sub>4</sub>) e risco de vida (A<sub>5</sub>). Nesse *continuum* estilístico a variação estilística ocorre de acordo com o grau de monitoramento da fala, que é dependente do grau de formalidade-informalidade de cada contexto. A figura 2 representa esse *continuum* e o grau de formalidade dos contextos: quanto maior o grau de formalidade do estilo, maior será o índice de (r-1), a variante prestigiada. Os índices de (r-0), nesse caso a variante estigmatizada, aumentam à medida que o falante se aproxima do estilo menos formal (A).

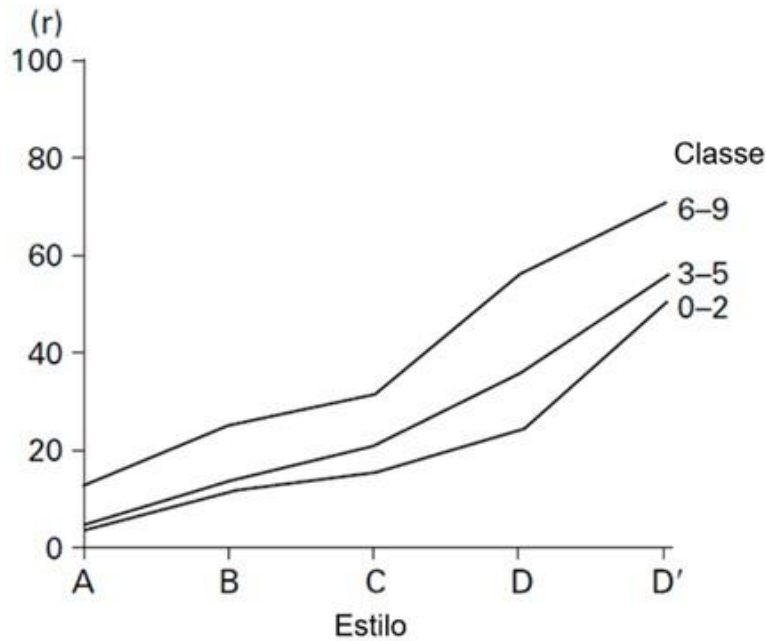
**Figura 2:** Contextos e grau de formalidade dos estilos



Fonte: Elaboração própria

Ao descrever a correlação entre estilo e classe social Labov (2006 [1966], p. 139-141) primeiro apresenta índices em uma escala que aloca as seguintes classes: classe baixa (0-2), classe trabalhadora (3-5) e a classe média (6-9) e em seguida apresenta como se dá a distribuição por classe social da variável (r). No gráfico 1 podemos verificar que o uso de (r) pelos falantes começa num ponto muito baixo do eixo vertical (%) e vinculado ao estilo A. Labov (2006 [1966], p. 142) argumenta que nesse ponto está refletida a pronúncia (r-0). À medida que a linha sobe em relação ao eixo vertical ocorre o (r-1). A variante estigmatizado de (r), que seria a ausência de constrictão em contexto pós-vocálico, final de palavra e pré-consonântico, ou seja, (r-0), a qual aparece consideravelmente no contexto A, ocorre, de acordo com os dados levantados, com falantes da classe social baixa (0-2). No caso de (r-1), que seria a presença de constrictão em contexto pós-vocálico, final de palavra e pré-consonântico, variante prestigiada, esta ocorre com frequência com falantes de classe média (6-9). Sendo assim, além do monitoramento linguístico determinar a variação estilística, a classe social também opera em conjunto com o monitoramento da fala em função dessa determinação.

**Gráfico 1:** Estratificação social do (r)



Fonte: Labov (2006 [1966], p. 141)

Eckert (2012, p. 88) afirma que estudos sociolinguísticos variacionistas, por ela denominados de estudos sociolinguísticos de primeira onda, estabeleceram um padrão regular da estratificação social das formas linguísticas em variação, assim como demonstraram que o uso constante de formas estigmatizadas está vinculado a informantes pertencentes à classe social mais baixa. Diferentemente do estudo de Labov (1963) realizado em Martha's Vineyard, em que o pesquisador demonstrou que a pronúncia centralizada do ditongo /ay/, pelos ilhéus, teve sua frequência aumentada em reação à chegada de pessoas de fora da ilha e que não centralizavam esse ditongo. A atitude dos ilhéus em recrutar essa variante como recurso para identificar os moradores nativos da ilha e sua identidade demonstra que o significado social da variação não se restringe à pertença dos falantes a categorias macrossociais e nem ao *continuum* estilístico apresentado por Labov. As generalizações realizadas em estudos quantitativos de vertente laboviana pós Martha's Vineyard geralmente não contemplam o falante como agente no uso da língua. A natureza exclusivamente quantitativa de tais estudos acaba conduzindo-os à busca de generalizações empírico-indutivas que deixam de tratar das categorias locais e os fatores microssociais que condicionam a variação.

### 3 REDES SOCIAIS E VARIAÇÃO ESTILÍSTICA

Como demonstrar que a variação estilística (e o significado social) não é condicionada somente por categorias macrossociais? Um ponto chave é o tratamento dado ao vernáculo. Labov

(1972a), a partir de seu estudo do Inglês Vernacular Afro-Americano, afirma que o vernáculo<sup>1</sup> tem valores locais positivos no grupo de adolescentes; e Trudgill (1972), em sua pesquisa sobre o inglês em Norwich, demonstra que a adoção de formas vernaculares da classe trabalhadora pela classe média se dá pela identificação dessa com aspectos físicos da masculinidade da classe trabalhadora. Nesses estudos, de natureza quantitativa, os autores percebem o valor positivo que o vernáculo possui em categorias locais. Nesse sentido, o vernáculo não seria o resultado somente do monitoramento da fala, mas emergiria de uma ação consciente que resulta do valor que formas vernaculares possuem em categorias locais.

Milroy e Gordon (2003, p. 116) argumentam que, para entender as correlações entre a linguagem e categorias sociais globais, é preciso operar com procedimentos que nos permitam examinar as especificidades da prática e das condições locais, procedimentos esses que sejam sensíveis às categorias sociais locais e aos vínculos negociados localmente com os quais os falantes operam em suas vidas cotidianas. Para esse empreendimento, é necessário utilizar a etnografia e trabalhar com o conceito de rede sociais densas e fracas.

O método etnográfico possibilita o mapeamento qualitativo da comunidade de fala estudada em seus aspectos locais, considerando não somente as entrevistas face a face, mas a observação participante a curto, médio ou longo prazo depreendendo, com isso, dados detalhados da rede social em que os falantes estão envolvidos e sua correlação com as variáveis estudadas.

Para Milroy e Gordon (2003) a rede social do falante é um agregado de relações negociadas com outros falantes, uma rede ilimitada de laços que se estende pelo espaço social e geográfico que liga muitos indivíduos, inclusive com a possibilidade dessa ligação ser remota. A rede social pode ser densa ou fraca. Redes sociais densas caracterizam-se pela relação de parentesco, vizinhança e trabalho, em que indivíduos dão suporte a normas linguísticas locais, resistindo a pressões externas e a mudança linguística. As redes sociais fracas têm poucas relações de parentesco na mesma região geográfica, poucos vizinhos trabalham na mesma empresa e, portanto, os indivíduos nessa rede são mais suscetíveis à pressão de normas linguísticas externas.

Milroy e Milroy (1985), no estudo das redes sociais de Belfast que implicam em variação e mudança linguística, identificaram duas variáveis fonológicas que fazem parte do repertório linguístico dos falantes de Belfast (mas especificamente dos bairros Ballymacarrett, Clonard e Hammer) e que estão correlacionadas à robustez das redes sociais dos falantes, podendo ser densas ou fracas. As variáveis identificadas por Milroy e Milroy (1985) são /a/ e /ɛ/. A variável /a/ é anteriorizada (*backing*) e a variável /ɛ/ sofre alçamento (*raising*). As variantes relacionadas ao alçamento de /ɛ/ são /ɛ:/ e /ɛ̃/ e as variantes relacionadas à anteriorização de /a/ são /ɑ:/ e /ɔ:/ (MILROY; MILROY 1985, p. 349-358).

A variável /ɛ/ e suas variantes /ɛ:/ e /ɛ̃/ têm um índice alto de utilização entre as mulheres diferentemente da variável /a/ e suas variantes /ɑ:/ e /ɔ:/, essas têm índices altos de utilização entre os homens. Quanto ao estilo são identificados o estilo de entrevista e estilo espontâneo. As mulheres, tanto no estilo de entrevista quanto no estilo espontâneo, evitam a anteriorização do /a/, provavelmente por estar associado não à classe trabalhadora da qual fazem parte, mas a formas estigmatizadas que implicaram no reforço de relações de gênero assimétricas. Entra em jogo a questão do prestígio social que a anteriorização de /a/ possui. No entanto, o alçamento de /ɛ/, favorecido entre as mulheres, está associado ao cuidado com a fala no estilo de entrevista

---

<sup>1</sup> O vernáculo, como definido por Labov (1972b, p. 112), não se restringe à fala de pessoas iletradas ou da classe social baixa, como se fosse o resultado do uso de formas estigmatizadas, pois, como afirma o autor, “A maioria dos falantes de qualquer grupo social tem um estilo vernacular, em relação às suas formas cuidadosas e literárias de falar”.

e é prestigiado nas redes sociais em que elas estão inseridas. Percebe-se que o prestígio das variantes em categorias locais e nas redes sociais em que os falantes estão envolvidos tem um peso significativo sobre a escolha das variantes que serão favorecidas pelas mulheres. O estilo não é o resultado apenas de categorias macrossociais mas de aspectos locais, de valores positivos atribuídos ao vernáculo da classe trabalhadora.

Eckert (2012, p. 92-93) analisando a Sociolinguística Etnográfica, que ele denomina segunda onda da sociolinguística, diz que, através de estudos dessa vertente, percebe-se que a variação indexicaliza características e, para reforçar essa afirmação, a autora usa a sua pesquisa sobre o comportamento linguístico de adolescentes de uma escola em Detroit, nos Estados Unidos (ECKERT, 1989). Dois grupos são identificados: *Jocks* e *Burnouts*. As cores e o estilo das roupas, a relação com os valores da escola e espaços físicos, as aspirações profissionais e a relação subúrbio-centro não só caracterizam as diferenças entre esse dois grupos, mas condicionam o comportamento linguístico dos membros e, conseqüentemente, a variação estilística.

Os estudos de segunda onda retomaram a busca pelo significado social da variação estilística, reabrindo o caminho para a construção da abordagem teórico-metodológica sobre o estilo no que Eckert chama de terceira onda da sociolinguística. Nessa vertente da Sociolinguística, também conhecida por perspectiva estilística (MENDES, 2017, p. 106), os falantes agem conscientemente sobre o seu comportamento estilístico, sendo esse não apenas o resultado da pertença a categorias macrossociais ou locais.

#### 4 ESTILO NA SOCIOLINGUÍSTICA ESTILÍSTICA: A AGENTIVIDADE DO FALANTE

Quanto ao estilo como reflexo de categoriais sociais, a argumentação de Eckert (2012, p. 93) é de que a mudança teórica principal na terceira onda é o salto de uma visão da variação enquanto reflexo de categorias macrossociais e locais para a compreensão de que a variação é fruto da prática linguística na qual os falantes se colocam na paisagem social através da prática estilística.

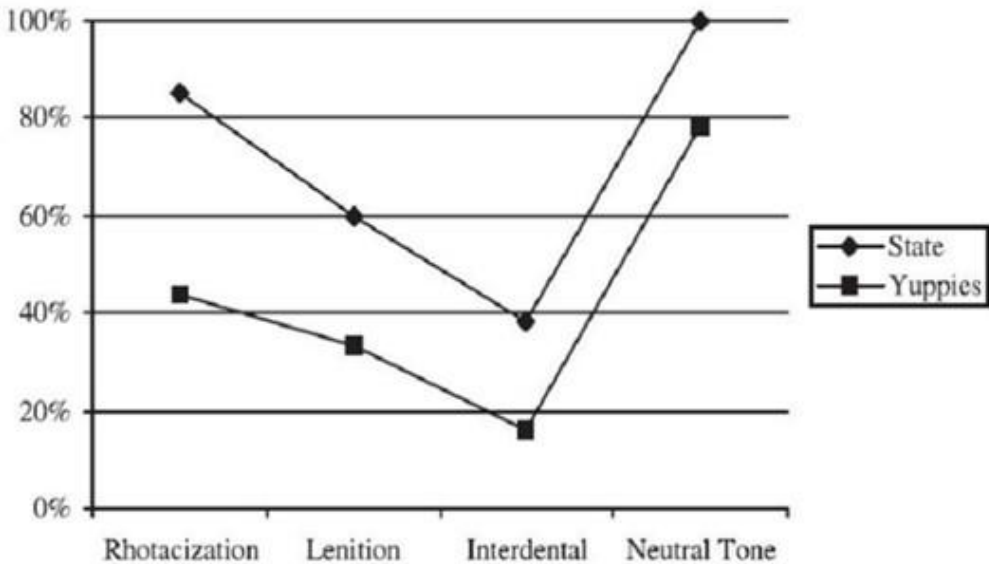
A fim de verificar ao fenômeno variável a partir desse pressuposto teórico, Eckert argumenta que é necessário observar as práticas sociais dos falantes em comunidades de prática, não em comunidades de fala (ECKERT, 2012; ECKERT; WENGER, 2005), pois o falante circularia em comunidades de práticas, emulando o seu comportamento estilístico a partir do significado social das variáveis e suas variantes, criando uma *persona* (ou *personae*). Isso implica que o usuário da língua atua ativamente na construção de um estilo bricolado.

Zhang (2005), em seu estudo sobre os *yuppies* (elite jovem de Beijing), demonstra como o estilo é conscientemente construído pelos membros de uma comunidade de prática. Com a entrada da China no mercado global, os *yuppies* emergiram. Eles são diretores de empresas privadas que administram negócios de natureza transnacional. Seu *status* no mercado financeiro global depende da projeção de uma *persona* cosmopolitana e materialista, contrastando com seus empregados em empresas estatais. Para a construção dessa *persona*, os *yuppies* produziram um estilo que progressivamente os diferencia dos funcionários de estatais.

Quatro variantes são recrutadas como recursos linguísticos na construção do estilo dos *yuppies* (gráfico 2): (1) uso de tom alto (*full tone*) na pronúncia de sílabas em que comumente se espera tom neutro (*neutral tone*); (2) rotacismo em sílabas finais; (3) suavização (*lenition*) das retroflexas em início de sílaba e (4) a realização interdental de /z/ em que se espera uma pronúncia sibilante (ZHANG, 2005, p. 439-445). São próprias do mandarim de Beijing as variantes 2, 3 e 4

sendo pouco utilizadas pelos *yuppies*, pois indexalizam não a imagem cosmopolitana desejada, mas local; diferentemente da variante 1, recrutada pelos *yuppies* como recurso linguístico na emulação da imagem cosmopolitana, pois essa variante está associada a imagem cosmopolitana e transnacional, sendo característica do mandarim de Taiwan e Hong Kong, regiões marcadas pela imersão no mercado financeiro global. No gráfico 2 percebe-se o índice de 100%, entre os *yuppies*, do uso de tom alto (*full tone*) na pronúncia de sílabas onde se espera o tom neutro (*neutral tone*).

**Gráfico 2:** Contraste entre estilos



Fonte: ZHANG, 2005, p. 450

Campbell-Kibler (2007), em sua pesquisa sobre a pronúncia da variável -ING do inglês estadunidense, identifica duas variantes: (i) a pronúncia velar (-ing) e (ii) a pronúncia alveolar (-in). Na figura 3, a variante velar indexicaliza significados sociais positivos, ao contrário da alveolar, que indexicaliza significados negativos. No entanto, a autora demonstra que, em certos contextos (comunidades de prática), o uso da variante alveolar pode indexicalizar significados positivos. A variante alveolar pode indexicalizar significados negativos (adjetivos como ‘relaxado’, ‘rude’, ‘preguiçoso’ e ‘desprezioso’) em certas comunidades de práticas em que se associe essa variante à fala de pessoas negras. Mas numa comunidade negra, o uso alveolar não significa ser preguiçoso, mas sim uma pessoa tranquila/despreocupada. Nesse sentido, a comunidade negra constrói a ideia de uma *persona* tranquila/despreocupada através do significado social que a variante alveolar tem em sua comunidade.

**Figura 3:** Campo indexical de -ING





Fonte preta: significados da variante velar  
Fonte cinza: significados da variante alveolar  
Fonte: ECKERT, 2008, p. 466

Eckert (2012) afirma que a sociolinguística de terceira onda ainda está em sua infância teórico-metodológica. No entanto, o tratamento epistemológico dado à variação estilística nessa vertente sociolinguística descortina o falante como agente ativo no seu comportamento estilístico variável. Através dos estudos de Zhang (2005) e Campbell-Kibler (2007), podemos perceber que os falantes não são passivos em relação ao comportamento estilístico por eles apresentado, ao contrário, eles atuam conscientemente sobre as escolhas estilísticas que realizam, recrutando variáveis para construir uma imagem de si e modificarem a paisagem social na qual estão inseridos. Percebe-se que os falantes jogam ativamente com o significado social das variáveis e suas variantes.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estilo tem sido estudado na Sociolinguística em uma escala crescente, em pesquisas quantitativas, qualitativas e de métodos mistos. Observamos, neste artigo, as revisões epistemológicas em torno desse conceito e o impacto delas sobre a compreensão e descrição do significado social da variação e do falante como um usuário ativo da língua, isto é, que constrói conscientemente o seu comportamento estilístico em função de interesses sociais particulares e comunitários.

Os estudos Sociolinguísticos Variacionistas, também conhecidos como estudos de primeira onda, em sua busca por generalizações, revelaram um padrão social para a variação estilística desconhecido até então. A generalização que afirma que, à medida que o falante ascende socialmente, ele adota formas linguísticas prestigiadas e que, em contextos estilísticos formais, ele monitora a sua fala foi demonstrada não apenas por Labov, mas por várias pesquisadoras e pesquisadores de vertente variacionista. A metodologia quantitativa de coleta de dados adotada em estudos de primeira onda foi fundamental para verificar padrões e propor generalizações. A variação linguística passou do *status* de desordenada, disfuncional e livre (estruturalismo) para ordenada, funcional e com regras categóricas e variáveis (sociolinguísticas) passíveis de descrição.

A variação estilística foi descrita, em geral, a partir da pertença do falante a categorias macrosociais, o que torna um agente passivo na construção do seu estilo. O significado social da variação estilística não recebeu o mesmo tratamento dado em Martha's Vineyard pois ali, além de metodologia quantitativa, o pesquisador realizou um trabalho etnográfico.

A mudança em relação à abordagem da variação estilística ocorreu à medida que se passou da análise do fenômeno a partir de categorias macrosociais para categorias locais e foi empregado o método etnográfico no estudo da variação. O falante está vinculado a redes sociais com as quais compartilha valores religiosos, políticos, estéticos, linguísticos, etc. Essa relação pode ser densa ou fraca, o que implica, em relação à língua, em um comportamento linguístico mais conservador ou inovador. O usuário da língua adota formas linguísticas em seu comportamento linguístico de acordo com a sua relação com essas redes e as formas vernaculares por elas adotadas como recursos linguísticos que representam a paisagem social na qual estão inseridos, o que é socialmente significativo em suas realidades sociais. A categoria macrosocial classe não é um fator determinante nesses estudos, pois os falantes geralmente pertencem à mesma classe. O que determina o seu comportamento linguístico e, conseqüentemente, o estilístico, é a sua relação com as redes sociais às quais está vinculado. Essa vertente de estudos sociolinguísticos é conhecida como Sociolinguística Etnográfica ou de segunda onda.

Até aqui a variação estilística é o resultado do monitoramento da fala, por parte do falante em determinados contextos estilísticos e de sua pertença a categorias macrosociais (primeira onda) ou do tipo de relação que o falante tem com as redes sociais a que está vinculado e da adoção das formas linguísticas socialmente significativas em meio a essas redes (segunda onda). O falante ainda é um agente passivo na construção de seu comportamento estilístico que ora reflete sua pertença a categorias macrosociais ora a sua relação com redes sociais. E se a variação estilística fosse o resultado da ação ativa do falante sobre o seu comportamento estilístico? Esse é um dos pressupostos teóricos da sociolinguística de terceira onda, ou estilística. O falante é um usuário ativo da língua, agindo conscientemente na construção de seu comportamento estilístico, recrutando variantes linguísticas como recurso para a construção de *persona/personae* e jogando com o significado social de tais variantes. O estudo da variação estilística, na perspectiva da terceira onda, ainda tem muito a dizer sobre o significado social da variação e o comportamento estilístico dos falantes.

## REFERÊNCIAS

- CAMPBELL-KIBLER, Kathryn. Accent, (ING) and the social logic of listener. *American Speech*, Durham, vol. 82, n. 1, p. 32-64, 2007.
- COUPLAND, Nikolas. *Style: language variation and identity*. New York: Cambridge University Press, 2007.
- ECKERT, Penelope. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*. Palo Alto, n. 41, p. 87-100, 2012.
- ECKERT, Penelope. Variation and the indexical field. *Journal of Sociolinguistics*, Oxford, vol. 12, n. 4, p. 453-476, 2008.
- ECKERT, Penelope; WENGER, Étienne. Dialogue: Communities of practice in sociolinguistics: what is the role of power in sociolinguistic variation? *Journal of Sociolinguistics*: Oxford, v. 9, n. 4, p. 582-589, 2005.
- LABOV, William. *Language in the inner city: studies in the Black English Vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972a.

- LABOV, William. Some principles of linguistic methodology. *Language in society*. New York, v. 1, n. 1, p. 97-120, 1972b.
- LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LABOV, William. The social motivation of a sound change. *Word*. New York, v. 19, n. 3, p. 273-309, 1963.
- LABOV, William. *The social stratification of English in New York City*. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006.
- MILROY, Lesley; GORDON, Matthew. *Sociolinguistics: method and interpretation*. Oxford: Blackwell, 2003.
- TRUDGILL, Peter. Sex, Covert Prestige and Linguistic Change in the Urban British English of Norwich. *Language in society*. New York, v. 1, n. 2, p. 179-195, 1972.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- ZHANG, Qing. A Chinese yuppie in Beijing: Phonological variation and the construction of a new professional identity. *Language in Society*. Oxford, v. 34, n. 3, p. 431-466, 2005.